

CAPÍTULO INTRODUTÓRIO

O ESTADO DA QUESTÃO

ESTADO DA QUESTÃO

Para estabelecer o caminho a ser percorrido no estudo proposto, faz-se necessário conhecer as principais linhas interpretativas, no mínimo, de algumas concepções em causa e dentro de seus contextos imediatos, como: os sentidos atribuídos aos termos **plenitude do tempo** (πλήρωμα τοῦ χρόνου), em Gl 4,1-7, de um lado, e **plenitude dos tempos** (πλήρωμα τῶν καιρῶν), em Ef 1,3-14, de outro. Ainda nos mesmos textos de Gl e Ef procuraremos verificar os conceitos de adoção filial (υἰοθεσία) e a sua relação com a plenitude do tempo/plenitude dos tempos (hipótese do trabalho), comprando-os entre si. Isto, então, nos dará a possibilidade de identificar com maior nitidez o conceito de υἰοθεσία em Gl e Ef (objetivos). E então mostraremos como será trabalhado o tema a fim de serem atingidos os objetivos e como será verificada a hipótese (fundamentação metodológica).

As expressões πλήρωμα τοῦ χρόνου e υἰοθεσία encontradas na carta aos Gálatas têm sido muito estudadas ao longo da história da exegese. Já as expressões πλήρωμα τῶν καιρῶν e υἰοθεσία, em Efésios, têm merecido atenção dos estudiosos, em menor escala, porém suficiente para nos fazer conhecer quais as principais linhas defendidas.

Para finalidade do nosso trabalho, essa revisão bibliográfica nos remeterá necessariamente ao estabelecimento, então, do estudo do πλήρωμα τοῦ χρόνου/πλήρωμα τῶν καιρῶν e υἰοθεσία nos dois textos já acenados.

1. Plenitude do Tempo/Plenitude dos Tempos

1.1. O sentido de plenitude do tempo em Gl 4,4

A passagem onde se encontra a expressão πλήρωμα τοῦ χρόνου situa-se na unidade literária Gl 4,1-7. De fato, antes de chegar à expressão plenitude do tempo (v. 4), Paulo já havia colocado as bases (vv. 1-3), dizendo que “**enquanto** (ἐφ’ ὅσον χρόνον...) o herdeiro é menor de idade, em nada se diferencia de um escravo, ainda que seja senhor de todos os bens, mas está sob tutores e curadores

até o prazo estabelecido pelo pai”; a afirmação do v. 3 apresenta a seguinte e provisória conclusão a fim de abrir o horizonte com o versículo seguinte: “assim também nós, quando éramos menores de idade, estávamos escravizados sob os elementos do mundo”. Somente a partir de agora, descortina-se nova situação com a afirmação: “quando, porém, chegou a **plenitude do tempo**” Deus enviou o seu Filho (v. 4).

As contribuições sobre o sentido de plenitude do tempo em Gl 4,4 têm orientado os estudos para as seguintes conclusões: trata-se de uma expressão de cunho **escatológico/apocalíptico**, onde é Deus quem estabelece o tempo do evento, o qual já foi realizado com o envio do seu Filho. É importante ressaltar a questão sobre a decisão de Deus, pois alguns exegetas, mesmo que admitam a predominância da orientação escatológica, apresentam também a tendência em ressaltar a realização desse momento como dependente do preenchimento de nossas expectativas. Dentro da perspectiva escatológica há ainda a ressaltar o sentido metafórico do uso da expressão em causa. Outros mostrarão, embora em rápidas pinceladas, tratar-se de expressão familiar ao meio judaico-cristão, do qual Paulo, é óbvio, também toma parte ativa; nesse sentido, apontarão algumas indicações onde a expressão encontra respaldo na LXX¹. Outros, finalmente, como se trata de uma expressão semelhante na forma àquela encontrada em Ef 1,10 (πλήρωμα τῶν καιρῶν), tentarão estabelecer um relacionamento entre elas, ainda que de forma não suficientemente aprofundada.

1.1.1. Plenitude do tempo e seu alcance escatológico

Na prática, os exegetas enxergam a expressão πλήρωμα τοῦ χρόνου, utilizada por Paulo somente neste passo, como de alcance escatológico².

¹ Cf. ALETTI, J.-N., Une Lecture de Ga 4,4-6: Marie et la plénitude du temps, p. 413. Detém-se aqui a mostrar a utilização dos termos χρόνος e καιρός pela LXX, onde os dois termos não se apresentam como idênticos, mas complementares.

² PITTA, A., Lettera ai Galati, p. 236. O autor atribui à formulação cronológica a função apocalíptica que, segundo ele, a ação de Cristo desenvolve na teologia paulina. Também SCHLIER, H., Der Brief an die Galater, p. 195, onde afirma que o conteúdo de πλήρωμα τοῦ χρόνου está relacionado com συντέλεια τοῦ αἰῶνος, pertencendo assim ao judaísmo apocalíptico; o mesmo vale para a expressão utilizada em Ef 1,10, que, segundo ele, tem o mesmo alcance de πλήρωμα τοῦ χρόνου. Cf. ainda MATERA, F.J., Galatians, p. 150, que admite o conceito do termo como apocalíptico, apontando exemplos em Tb 14,5; Mc 1,15 e Ef 1,10. Assim afirma: “the

A formulação teológica liga-se ao desígnio de Deus. Quer dizer, na verdade, quem conduz o rumo da história é o próprio Deus. Cabe a Ele estabelecer o momento preciso de sua atuação na história da salvação.

Alguns, na evidência de suas convicções teológicas sobre a disposição de Deus a respeito do tempo, mostram através do mesmo texto que a cláusula em questão não somente é temporal, mas sobretudo dependente da decisão do mesmo Deus. Assim, através da expressão encontrada no v. 2 – ἄχρι τῆς προθεσμίας τοῦ πατρός³ –, vêem que do mesmo modo como, dentro dos parâmetros da ordem jurídica romana, é o pai quem estabelece o tempo em que o filho adquire a maioria para poder usufruir de seus plenos direitos como seu legítimo herdeiro, assim também é Deus quem estabelece o momento, ou seja, a plenitude do tempo também para nós adquirirmos o nosso pleno direito como filhos na maioria. No fundo o ator principal da escatologia é o próprio Deus que envia o seu próprio Filho. Quer dizer: quem estabelece o momento da Encarnação é o Pai, de onde o Filho procede. É daqui que H. Schlier e também outros tiram a conclusão de que estamos diante de uma expressão marcada pelo veio apocalíptico, pois segundo H. Schlier, isso pressupõe que Deus tem em seu poder o tempo e todos os eóns, que ele os fixou, como tudo no mundo⁴.

Trata-se, do ponto de vista escatológico, de um tempo que já se realizou⁵ – chegou ao seu auge – com o envio do Filho de Deus. O que quer dizer que dentro dessa perspectiva todos os marcados pelo dom da encarnação e da fé em Cristo encontram-se na plenitude de sua filiação. H. Schlier, em sua obra⁶, a respeito da

concept expressed here, to pleroma tou chronou, is almost apocalyptic. A predetermined period must be completed before the appearance of salvation”.

³ Assim: BRUCE, F.F., *The Epistle to the Galatians*, p. 192; LIGHTFOOT, J.B., *Saint Paul's Epistle to the Galatians*, p. 167; ELLICOTT, C.J. *A Critical and Exegetical Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians*, p. 93, entre outros.

⁴ SCHLIER, H., *Der Brief an die Galater*, p. 195.

⁵ É admitido por estudiosos do assunto que se trata de um tempo já realizado. Assim: BRUCE, F.F., *The Epistle to the Galatians*, p. 194, onde ele afirma: “Here it is the ‘realized’ aspect of Christian eschatology that Paul presents, the ‘already’ rather than the not yet”. Cf. DELLING, G., “πλήρωμα”, in *ThWNT*, VI, p. 304, onde afirma que no evento histórico do Jesus terreno, isto é, nascido de mulher, Deus realiza o seu ato escatológico. Ainda, baseando-se em Ef 1,10, diz: “Dieser Sinn der πλήρωμα-Aussage wird bestätigt und erläutert durch Eph 1,10a. Der vorzeitliche Ratschluß Gottes ging hinaus auf die Heilsveranstaltung der Erfüllung der Zeiten, die Heilsveranstaltung, in der die Zeiten sich erfüllen sollten und erfüllt haben”.

⁶ SCHLIER, H., *Der Brief an die Galater*, p. 195, nota 7, apenas acena ao fato de que três estudiosos alemães afirmam em suas obras que o prazo para essa intervenção de Deus ainda não se cumpriu. Assim, para W.M.L. De WETTE, em relação ao desenvolvimento da humanidade até certo ponto; para F.C. BAUR, em relação à consciência da humanidade e, finalmente, para F.A.E. SIEFFERT, em relação à necessidade de redenção que se faz mais urgente.

questão da realização da plenitude do tempo, cita três estudos da segunda metade do séc. XIX que admitem o não cumprimento de tal tempo escatológico. De outra parte, U. Vanni afirma que a plenitude do tempo coincide com a maturação progressiva e gradual da história até atingir um nível determinado e que quando a humanidade atingiu esse nível, Deus enviou o seu Filho, confiando-lhe uma missão a ser realizada. U. Vanni não deixa maiores explicações para a sua afirmação e nem se refere a outras fundamentações para justificá-la⁷ e nem se refere àqueles que vêem a relação entre a plenitude do tempo e o “tempo estabelecido pelo pai” – προθεσμία τοῦ πατρός –, isto é, a plenitude do tempo como o desígnio de Deus. Ainda a respeito desse desígnio de Deus ao realizar a plenitude do tempo, também J.-N. Aletti⁸ demonstra a partir de paralelismos contidos na unidade de Gl 4,1-7 que a expressão do v. 2 – προθεσμίας τοῦ πατρός – encontra-se em consonância com a chegada da plenitude do tempo do v. 4. E ainda mostra que o paralelismo entre os vv. 1-2 e 3-7 explica como o termo χρόνος do v. 4 retoma a expressão ἐφ’ ὅσον χρόνον do v. 1. E assim, conclui dizendo que o tempo aqui é considerado sob o seu aspecto quantitativo, porém esta duração não tem nada de informe, sendo, ao contrário, fixado e determinado pelo projeto do Pai ou de Deus que quer ver esta mesma duração servir para preparar a emancipação dos futuros herdeiros⁹.

C.J. Ellicott¹⁰, referindo-se ao πλήρωμα, ainda dentro da perspectiva escatológica, estabelece que este termo apresenta dois significados. O significado ativo que é a ação de encher – τὸ πλήρη ποιεῖν – e o passivo nas seguintes formas: *id quod impletum est* – aquilo que foi preenchido; *id quo res impletur* – aquilo com que algo é preenchido; resultando assim: τὸ πλήρωμα τοῦ χρόνου seria *id quo temporis spatium impletur* – aquilo com que o espaço de tempo é preenchido. Essa percepção apresentada por Ellicott mostra os dois lados da

⁷ VANNI, U., Lettere ai Galati e ai Romani, 49, onde somente afirma, em contraposição a essa maturação progressiva que ele admite: “la pienezza del tempo non è semplicemente il compimento del tempo stabilito e quindi lo scadere del termine fissato”. Cf. ALETTI, J.-N., Une Lecture de Ga 4,4-6: Marie et la plénitude du temps, p. 414, também afirma claramente que Gl 4,1-7 não liga a plenitude à expectativa que deve se realizar, mas ao desígnio divino: “le temps est devenu plein, gros de ce que la volonté divine voulait effectuer et révéler”.

⁸ ALETTI, J.-N., op.cit., p. 414-416. Cf. também CORSANI, B., Lettera ai Galati, p. 261, que insistindo no dado do v. 2 aponta a decisão de Deus sobre esse evento: “È la decisione di Dio che stabilisce quando sia il momento opportuno per la venuta del Cristo, e in questo consiste il πλήρωμα τοῦ χρόνου”.

⁹ ALETTI, J.-N., Une Lecture de Ga 4,4-6: Marie et la plénitude du temps, p. 415.

¹⁰ ELLICOTT, C.J., A Critical and exegetical commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians, p. 93.

questão. De um lado está aquele que realiza a ação de encher, já que se trata de significado ativo; de outro lado, em sentido passivo, esse algo com que o espaço temporal é preenchido, não esclarecido pelo autor, pode se tratar da ação do envio do Filho, já que a dimensão espaço-temporal é plenificada por esse ato salvífico de Deus.

Cabe aqui a menção abordada por J.B. Lightfoot¹¹ e F.J. Matera¹². De sua parte, F.J. Matera se reporta à distinção já feita por J.B. Lightfoot ainda na segunda metade do século XIX, quando esse estudioso mostra que as idéias envolvidas na expressão plenitude do tempo se referem, de uma parte, ao doador, isto é, a Deus que ordenou desde o começo o momento chegado e que predisse a vinda do Messias pelos seus profetas; isto requer uma comparação com a expressão do v. 2, a saber, ἄχρι τῆς προθεσμίας τοῦ πατρός (o momento sob a autoridade do pai). De outra parte, a expressão se refere ao recebedor. Isto é: o evangelho foi retido até que o mundo chegasse à idade madura, onde a lei terminou a sua finalidade pedagógica e foi suplantada de uma vez por todas.

Finalizando, fica claro que o alcance escatológico da plenitude do tempo tem tudo a ver com a chegada de Cristo, isto é, o seu envio. Assim, diz H. Schlier a respeito desse momento da história: “o tempo final é o tempo em que o ‘princípio’ divino do nosso ser, Cristo Jesus, irrompeu nesta existência. A aparição de Jesus Cristo neste eón se funda no ato do envio e consiste na encarnação”¹³. Se esse envio resulta em nossa filiação¹⁴ (υἰοθεσία), será, sobretudo, objeto de nossa investigação nesta pesquisa.

¹¹ LIGHTFOOT, J.B., Saint Paul's Epistle to the Galatians, p. 167-168.

¹² MATERA, F.J., Galatians, p. 150: “Understood in reference to God, the fullness of time is the time determined by God. Understood in reference to humanity, it is the time when humanity came of age. The fullness of time corresponds to the time set by the father (prothesmía)”.

¹³ SCHLIER, H., Der Brief an die Galater, p. 195. Cf. BRUCE, F.F., The Epistle to the Galatians, p. 194, que assim se expressa: “That the sending of God's Son took place at the nodal point of salvation-history Paul both believed and affirmed. It is for this reason that people of Christ are those upon whom the ends of the ages (τὰ τέλη τῶν αἰώνων) have met... It is the coming of Christ that makes this particular epoch the πλήρωμα τοῦ χρόνου. Here it is the ‘realized’ aspect of Christian eschatology that Paul presents, the ‘already’ rather than the not yet”. Ver ainda ALETTI, J.-N., Une Lecture de Ga 4,4-6: Marie et la plénitude du temps, p. 410-411.

¹⁴ O motivo desta afirmação está aqui colocada em antecipação porque alguns estudos, dentre eles, destaca-se o de ZEDDA, S., “L'Adozione a Figli di Dio e lo Spirito Santo”, entendem interpretar a partícula ὅτι do v. 6 como declarativa e não causal. De fato, a leitura dessa partícula como declarativa dá uma outra tônica ao entendimento da questão.

1.1.2. Síntese

Algo bastante seguro a respeito da plenitude do tempo é que se trata mesmo de uma realidade de dimensão escatológica¹⁵. Realidade, porém, cumprida através do envio do Cristo, e não por se cumprir ainda em ocasião desconhecida. A perícope a esse respeito parece não mostrar dúvidas. Mesmo que haja alguns que pensem diferentemente¹⁶ – aqueles para os quais a plenitude do tempo ainda não se cumpriu -, é consenso entre os estudos apresentados aquilo que a perícope demonstra. Permanecem, no entanto, de pé algumas questões sobre a concepção da plenitude do tempo, como: a) resultado única e exclusivamente do desígnio Deus sem uma participação direta do estado de evolução ou maturação progressiva da humanidade (J.-N. Aletti e outros); b) resultado da maturação progressiva e gradual da história até atingir um nível determinado (U. Vanni); c) finalmente, resultado que envolve duas partes, a saber: o doador que é Deus, o qual ordenou e estabeleceu tal momento, de uma parte; e, de outra parte, o recebedor, isto é: a humanidade que chegou à idade madura, onde a lei e a sua finalidade pedagógica foram definitivamente suplantadas (J.B. Lightfoot e F.J. Matera). A meu ver, a posição de J. B. Lightfoot e F.J. Matera tem muito a ver com a questão da plenitude do tempo no contexto em que é colocada e pelo tipo de argumentação alegórica enfocada por Paulo. Resta saber, no entanto, se o segundo pólo (humanidade) restringe-se somente à superação da lei – no caso a torah - ou a toda a humanidade. Muito provavelmente os vv. 3 e 5b poderão esclarecer a questão, onde Paulo utiliza os pronomes pessoais na primeira pessoa do plural e, portanto, poderia estar se referindo a judeus e gentios. E, no caso, os gentios ou não judeus podem se referir a toda a humanidade.

Caberia ainda a abordagem da relação a respeito da expressão plenitude do tempo em Paulo e no AT, sobretudo na LXX, como assinala J.-N. Aletti. Tal

¹⁵ O termo “escatológico” se liga, obviamente, no nosso contexto, à idéia de *ἔσχατον*, isto é, ao discurso sobre as últimas coisas no sentido de cumprimento final da vontade de Deus. Esse cumprimento da vontade de Deus, no caso, é o tempo (*χρόνος*) da encarnação de Jesus, tempo do envio do Filho de Deus. Trata-se de uma questão por demais complexa. Para uma aprofundada visão da questão, cf. CORRÊA LIMA, M.L., Salvação entre Juízo, Conversão e Graça, p. 46-63. Embora essa tese se refira à questão da escatologia no AT e, mais especificamente no livro de Os 14,2-9, vale a pena a consulta.

¹⁶ É o caso de W.M.L. DE WETTE, F.C. BAUR e F.A.E. SIEFFERT, conforme nos indica H. SCHLIER, na nota 6 deste capítulo introdutório.

procedimento talvez nos ajude a compreender melhor os fundamentos judaico-cristãos que podem ter levado Paulo a lançar mão dessa expressão.

1.2. O sentido de plenitude dos tempos em Ef 1,10

A expressão plenitude dos tempos encontrada em Ef 1,10, diferentemente de Gl 4,4, não vem correlacionada com o envio do Filho de Deus. Mesmo que possa ser uma expressão de cunho escatológico, pode se tratar de uma escatologia, de todo, ainda não levada a termo. Porém, poderá, quem sabe, se tratar de uma expressão escatológica já realizada com a presença de Cristo, mesmo que o hino não se detenha na descrição de precisar o χρόνος de sua chegada, como em Gl 4,4. Encontra-se esta expressão no contexto hínico, ou seja, Ef 1,3-14. É um hino de εὐλογία – bênçãos –, onde se bendiz a Deus e Pai do Senhor Jesus Cristo que Nele nos escolheu, e também por Ele nos predestinou a sermos seus filhos adotivos. É, portanto, dentro deste contexto de bênçãos que se dá a sua prévia decisão, isto é, a realização da plenitude dos tempos – πλήρωμα τῶν καιρῶν – que, conforme o texto, significa ‘ἀνακεφαλαιώσασθαι todas as coisas, as celestes e terrestres em Cristo’. Pode ser ainda que o verbo ἀνακεφαλαιώω ajude na compreensão do sentido da dimensão escatológica de πλήρωμα τῶν καιρῶν. Tratar-se-ia de mostrar em contexto e situação diferentes daqueles dos Gálatas que os tempos já se realizaram, mas ainda não totalmente? E que, mesmo assim, tudo está nas mãos de Deus e de seu Filho que com Ele preexiste?

1.2.1. Plenitude dos tempos e seu alcance escatológico

Já nos referimos à semelhança da expressão plenitude dos tempos (Ef 1,10) com aquela formulada em Gl 4,4. No entanto, não se trata da mesma frase, sobretudo por não fazer nenhuma referência à encarnação de Jesus¹⁷, isto é, ao seu envio. As expressões usadas χρόνος e καιρός, por vezes podem, segundo alguns,

¹⁷ Cf. BEST, E., A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians, p. 139: “τοῦ πληρώματος τῶν καιρῶν is not the same phrase as that Gal 4.4 and carries no reference here to the incarnation”.

apresentar o mesmo significado¹⁸; essa é a posição de H. Schlier. Porém, ele admite uma diferença entre *καιρός* (singular) e *καιροί* (plural). Assim, *καιροί* se refere, para H. Schlier, no dizer de E. Best, aos eventos que ocorrem no tempo; enquanto que para outros comentadores, referem-se a períodos de tempo que juntos compreendem o tempo. E, nesse sentido, tais períodos referem-se aos dias, meses e anos no qual o tempo é dividido. Corresponderia aos períodos mencionados em escritos apocalípticos. No entanto, como frisa E. Best¹⁹, no sentido dos exemplos trazidos por J. Gnllka e R. Schnackenburg, tais períodos não se distinguem dos acontecimentos que devem tomar seu lugar antes do fim. No entanto, diferentemente dos escritos apocalípticos, Ef nada fala a respeito desses eventos²⁰.

A partir dessas ressalvas, é do consenso dos estudiosos que a expressão é carregada do sentido escatológico, ainda que alguns outros, como já acenamos, compreendam tratar-se de uma escatologia de caráter apocalíptico, o que parece não ser mesmo o caso, se aceitarmos a posição de E. Best, conforme a nota nº 20 deste capítulo introdutório.

Cabe, então, a indagação: trata-se de uma escatologia, como aquela encontrada em Gl 4,4, já realizada – com a chegada da plenitude do tempo e envio do Filho de Deus – ou de algo que deve acontecer num futuro próximo ou remoto? Trata-se, quem sabe, de uma abordagem onde se requer uma nova fundamentação da significatividade do evento Jesus, o Cristo? Quer dizer: segundo o contexto de Ef 1,10, a afirmação de Gl 4,4 já não conseguia responder a determinadas

¹⁸ Cf. SCHLIER, H., *Der Brief an die Galater*, p. 194, onde, referindo-se aos dois termos – Gl 4,4 e Ef 1,10 –, diz: “Zu vergleichen ist das πλήρωμα τῶν καιρῶν (Eph 1,10); nur daß καιρός an sich die Zeit nicht hinsichtlich ihres Ablaufes, sondern hinsichtlich des ihr jeweils anhaftenden Augenblicks- und Entscheidungscharakters sein kann. Der Plural καιροί erinnert allerdings wieder an die Aufeinanderfolge der ‘Augenblick’, so daß πλήρωμα τῶν καιρῶν sachlich mit πλήρωμα τοῦ χρόνου aufs Ganze gesehen identisch ist”.

¹⁹ BEST, E., *op.cit.*, p. 139. Cf. SCHNACKENBURG, R., *Der Brief an die Epheser*, p. 57: “Der Gedanke, daß ‘die Zeiten nach der Zahl abgezählt sind’ (4Esd 4,37), ‘die angezeigten Zeiten sich vollenden’ müssen (s Bar 40,3; vgl. Auch 81,4), stammt aus der Apokalyptik. Stärker zielgerichtet ist die Vorstellung in Qumran, daß ‘alle Zeiten Gottes nach ihrer Ordnung kommen, wie er es ihnen in den Geheimnissen seiner Klugheit festgesetzt hat’ (1 Qp Hab 7,13f)”.

²⁰ BEST, E., *A critical and exegetical commentary on Ephesians*, p. 139, onde nomeia alguns daqueles que admitem a semelhança entre essa expressão com escritos apocalípticos. Entre eles, J. GNILKA E R. SCHNACKENBURG. A posição de A. LINDEMANN é ainda mais extremada, em sua obra *Aufhebung der Zeit*, p. 95, onde se refere ao final do mundo – das Ende der Zeit – que coincidiria com a recapitulação de tudo em Cristo. Sua posição não conta, nesse caso, com adesão de E. Best e nem com a de R. Schnackenburg. Também ZERWICK, M., *Der Brief an die Epheser*, p. 38. Zerwick, em breve comparação com Gl 4,4, afirma que a expressão não se refere tanto à vinda de Cristo, mas antes, a todo período histórico do fim; para ele, trata-se da realização e consumação dos últimos tempos.

indagações? Se confirmada essa hipótese, que indagações seriam essas? Aquelas provenientes do ambiente da gnose?

A descrição de Ef 1,3-10, dá a entender, desde o início, o motivo da bênção: **em Cristo**: Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus, **nos abençoou** com toda sorte de bênçãos espirituais, **nos escolheu** antes de criação do mundo, **nos predestinou a sermos filhos adotivos, agraciou-nos** no amado; tendo nós a remissão através do seu sangue, o perdão dos pecados, segundo a riqueza de **sua graça que derramou profusamente sobre nós; deu-nos a conhecer** o mistério de sua vontade, segundo o seu beneplácito que **Nele designou previamente** para a realização da plenitude dos tempos: **recapitular**²¹ **todas as coisas** – as celestes e as terrestres – **em Cristo**. Como dá para perceber, os filhos divinamente adotados são os grandes beneficiários de tudo isso em Cristo.

A plenitude dos tempos, nesse contexto, não se identifica com Deus Pai e nem com Cristo, embora Nele seja realizada²². H. Conzelmann²³ afirma, baseado na análise de toda a carta, que a reflexão sobre a Igreja considerada como corpo de Cristo, constitui o centro do pensamento da carta em pauta. Excetuando-se o termo plenitude dos tempos, ainda na carta aos Efésios encontramos a palavra πλήρωμα nas seguintes passagens: 1,23; 3,19 e 4,13. Ef 1,23 aplica claramente o termo πλήρωμα à Igreja como tal, isto é, ao corpo de Cristo. Aqui a Igreja²⁴, de quem Cristo é a cabeça, é compreendida como plenitude daquele que tudo plenifica. Porém, a plenitude dos tempos não coincide com a categoria pessoa²⁵ – Deus Pai, Jesus Cristo e Igreja, ou seja, cristãos como corpo de Cristo.

Alguns estudos sobre a questão escatológica normalmente se resumem a dizer que se trata de uma meta final ou o ponto alto de todos os tempos terrenos, do tempo de Cristo, no qual o mistério de Deus se revela²⁶. Nesse sentido, pouco

²¹ Provisoriamente traduz-se aqui o verbo ἀνακεφαλαιόω por recapitular. No entanto, por se tratar de um verbo pouquíssimo empregado e em contexto também complexo, melhor compreensão desse mesmo contexto poderá indicar o sentido de tal verbo.

²² SCHLIER, H., Der Brief an die Epheser, p. 64: “Die Voraussetzung des πλήρωμα τῶν καιρῶν, das in Christus jetzt verwaltet wird, aber es nicht dasselbe”

²³ CONZELMANN, H., Der Brief an die Epheser. In Die kleineren Briefe des Apostels Paulus, p. 57.

²⁴ SCHLIER, H., op. cit., p. 65.

²⁵ Cf. Ef 3,19 se refere ao pleroma de Deus (πλήρωμα τοῦ θεοῦ) e Ef 4,13 ao pleroma de Cristo (τοῦ πληρώματος τοῦ Χριστοῦ).

²⁶ Cf. SCHNACKENBURG, R., Der Brief an die Epheser, p. 58: “Die Fülle der Zeit zeigt den Höhenpunkt aller irdischen Zeiten an, die (eschatologische) Zeit Christi, in der sich das Mysterium Gottes in Christus enthüllt, realisiert und entfaltet”. Também SCHLIER, H., op. cit., p. 64. PFAMMATER, J., Epheserbrief. Kolosserbrief, p. 15-16.

esclarecem, pois dizendo aquilo que pode parecer o óbvio, somente se repetem sem, no entanto, evidenciar de maneira convincente os motivos plausíveis das afirmações.

Segundo H. Conzelmann²⁷, o pensamento dominante da economia da salvação é que determina o sentido da expressão plenitude dos tempos. Trata-se de um momento histórico sob o total domínio de Deus; e para explicar este momento, a carta se reportaria a uma concepção defendida na gnose, ou seja, o homem celeste, primordial. No entanto, H. Conzelmann, fazendo tal afirmação, não nos dá os elementos da própria carta que venham evidenciar um diálogo e confronto com a gnose propriamente dita. Na verdade, a posição a respeito de que o contexto da gnose possa não ser enfático em Ef parece bem mais convincente do que a conclusão sugerida por H. Conzelmann²⁸.

De outra parte, E. Best detém-se mais minuciosamente ao sentido da expressão explicitada na própria carta, a saber: a plenitude dos tempos é compreendida através da sentença: ἀνακεφαλαιώσασθαι τὰ πάντα ἐν τῷ Χριστῷ, τὰ ἐπὶ τοῖς οὐρανοῖς καὶ τὰ ἐπὶ τῆς γῆς. Sobretudo, ainda segundo E. Best, a análise do verbo ἀνακεφαλαιώω poderá nos dar uma melhor compreensão do que vem significar a plenitude dos tempos²⁹. E. Best, discorrendo sobre o termo pergunta-se como Ef o entende. Parte do pressuposto de que deve ser considerada inicialmente a composição da palavra. Isto é, se a preposição ἀνά se comporia com κεφάλαιον³⁰ (ponto principal, capital, sumário) ou κεφαλή (cabeça). A preposição ἀνά, no caso, se comporia com a raiz κεφάλαιον (sentido de sumário ou recapitulação). Poderia ser usada em relação com a idéia de totalidade, como que levando um argumento à sua conclusão através de sucinta repetição de seus principais pontos ou títulos (κεφάλαια). Pergunta-se agora o modo como vem

²⁷ CONZELMANN, H., Der Brief an die Epheser. In Die kleineren Briefe des Apostels Paulus, p. 61.

²⁸ Nesse sentido, Cf. BEST, E., A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians, p. 141, onde ele afirma que não é encontrada em Ef uma ênfase no mundo material decaído; então, no contexto de Ef, diz: “While the gnostic emphasis on a fallen material world is not found in Ephesians there is much which shows a lack of harmony in the existing world: Jews and Gentiles need to be reconciled to one another”.

²⁹ BEST, E., op. cit., p. 140-142. De qualquer modo, somente o capítulo IV, que se deterá sobre a análise da perícopa Ef 1,3-10, abordará mais detalhadamente a relação entre πλήρωμα τῶν καιρῶν e ἀνακεφαλαιώω.

³⁰ A palavra κεφάλαιον é de uso raro. No NT é encontrada somente em At 22,28, com o sentido de vultosa soma, e em Hb 8,1, com o sentido de título ou tema principal; Também a LXX, nas poucas vezes que reporta esse termo, ele compreende o sentido de contagem, número e até recenseamento.

entendida a preposição *ἀνά*; se tiver o sentido de repetição (de novo, novamente), poderia dar a idéia de que um argumento é levado à conclusão através de repetição resumida de seus principais pontos; no entanto, o inteiro argumento em causa não é repetido. Assim, baseado no grego helenístico – koiné – E. Best sugere que o sentido de *ἀνά* indica, mais do que uma repetição, a idéia de intensificação do pensamento da palavra à qual ela se liga³¹. Dentre as várias possibilidades de entendimento que Ef possa ter do termo, sugere que a idéia de reconciliação deve ser excluída³². Embora Paulo trabalhe também com a idéia de Cristo como Aquele que é celeste – ὁ δεύτερος ἄνθρωπος ἐξ οὐρανοῦ, ou seja, o segundo Adão – em contraposição com aquele terrestre – ὁ πρῶτος ἐκ γῆς χοϊκός – e também com a idéia de nova criação (cf. Rm 8, 19ss), defende que o termo não retrata a idéia de restauração ou renovação, pois isso requereria a idéia de destruição da situação original³³. Mesmo considerando que Paulo possa retratar essa idéia, não vê, no entanto, que a mesma seja usada em todo o contexto de Ef. Conclui, defendendo que a ênfase de ἀνακεφαλαιόω encontra-se sobretudo na idéia de recapitulação ou sumário. Isto, porque, mesmo que o background do texto pudesse contemplar não a situação da gnose, mas a de judeus e gentios que necessitam de reconciliação, a idéia de repetição faz vir à tona o sentido de plenificação dos tempos, sendo Cristo o resumo de tudo, portanto, envolvendo a reconciliação de tudo em direção a Deus. No entanto, prefere afirmar que, se a idéia de repetição está presente, isto se dá mais pelo significado retórico³⁴. Cabe, então aqui um questionamento central: afinal, qual o momento em que se realizará a recapitulação de tudo? Vale perguntar se a realização da plenitude dos tempos se dará no futuro. Partindo da análise do verbo, E. Best constata que a forma verbal ἀνακεφαλαιώσασθαι é um aoristo infinitivo e que, portanto, não se restringe a uma

³¹ BEST, E., op.cit., p. 140: “However, prepositions in compounds in Hellenistic Greek do not always carry their full weight but often only indicate an intensification of the thought of the root”. Aqui, seguindo o seu raciocínio, mostra alguns exemplos. Dentre eles, vale ressaltar, Rm 13,9, onde o verbo ἀνακεφαλαιόω – utilizado somente nesta passagem e em Ef 1,10 – tem o sentido de resumir. Mostra, ainda que rapidamente, outras interpretações dadas ao termo ao longo da história, como: repetir, recapitular, restaurar, renovar. Acha que, diante de tantas opções de significado, qualquer um deles que for admitido para Ef 1,10 deve se enquadrar no pensamento geral de Ef.

³² De fato, essa idéia é melhor expressa através do verbo ἀποκαταλλάσσω, assim como encontrado em Cl 1,20 e Ef 2,16.

³³ BEST, E., A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians, p. 141: “If the word is taken to suggest renewal or restoration then this presupposes that some original situation was being recreated ‘or renewed’; in turn this implies that an original situation (of perfection?) must have been destroyed”.

³⁴ Ibid., p. 141

época determinada, no caso, passada. Nesse caso, pode muito bem se referir a um futuro. No entanto, é de opinião que se trata de um futuro já presente³⁵. Baseia-se para isto no contexto de Ef 1,20-23 e 2,6, onde se mostra que Deus subjugou tudo em Cristo e também já nos ressuscitou com ele e como ele nos assentou nos céus. Assim, a consumação de tudo³⁶ é algo fora do parâmetro normal do tempo, como a nossa escolha e predestinação nos vv. 4 e 5.

1.2.2. Síntese

É segura também a questão da dimensão escatológica a respeito da plenitude dos tempos em Ef 1,10. Se essa escatologia possui influência de cunho apocalíptico, parece já algo superado na visão de alguns estudos bem fundamentados. A conclusão de E. Best, diferentemente das afirmações de R. Schnackenburg e J. Gnllka, de que a carta aos Efésios funda raízes na apocalíptica, indica uma verdade, a saber: diferentemente dos escritos apocalípticos, Ef nada fala dos eventos que estão para acontecer. No entanto, isso demanda maior aprofundamento a fim de se certificar se a concepção de escatologia apocalíptica implica necessariamente eventos a serem ainda realizados.

A respeito do problema se se trata de uma escatologia já realizada ou por ser ainda realizada, há opiniões divergentes. Estudos mais antigos, em geral, concluem que se trata de uma escatologia, diferentemente daquela reportada por Gl 4,4, a ser realizada num futuro, qual não se sabe. No entanto, algumas evidências apontam para uma escatologia já realizada. Posição defendida por alguns estudiosos, sobretudo, no caso, por R. Schnackenburg e E. Best. O que dá a entender que se trata de uma escatologia realizada é a análise feita do contexto da

³⁵ Ibid., p. 142-143.

³⁶ Ibid., p. 143. Cf. também SCHNACKENBURG, R., Der Brief an die Epheser, p. 59-60: “Die Zusammenfassung des Alls in Christus, die Wiederherstellung der göttlichen Herrschaft über das All ist schon geschehen. Sonst wäre die Rede von der ‘Durchführung der Fülle de Zeiten’ sinnlos. Das All soll nicht irgendwann, etwa beim Antritt unseres Erbes (1,14), am ‘Tag der Erlösung’ (4,30) in Christus zusammengefaßt werden, sondern sollte es bereits durch das, was mit Christus geschehen ist”; DELLING, G., in ThWNT, VI, p. 304: retome-se o que já está referido na nota 5 deste mesmo Estado da Questão.

carta, a qual não se refere a um ‘futuro’ distante, mas já em atuação no presente. Porém, também isto deverá ser objeto de maior aprofundamento.

Alguns ainda admitem que o contexto da carta contempla a situação da gnose e que, portanto, o autor de Ef estaria utilizando um linguajar atemporal para se contrapor a uma idéia de um mundo em derrocada, sem, no entanto, desencarnar a divindade de Jesus. De outra parte, parecem ter razão aqueles que dizem que a carta no seu contexto global não demonstra essa preocupação. Daí, então, a plenitude dos tempos, que tem como meta “recapitular” (ἀνακεφαλαιώω) tudo em Cristo, estaria também evocando a situação do desconforto e da harmonia quebrada entre judeus e gentios.

Não é claro, todavia, se essa recapitulação de todas as coisas viria a incluir também os não batizados, ou seja, os não crentes. Os estudos, ainda que com algumas divergências, indicam se tratar de batizados, embora haja quem opine que, em se tratando de recapitulação de todas as coisas – ἀνακεφαλαιώσασθαι τὰ πάντα – , aí estão também incluídas todas as pessoas, inclusive os não batizados³⁷. Trata-se, ainda, todavia, de uma questão em aberto.

1.3. Plenitude do tempo e plenitude dos tempos: o cotejo entre Gl 4,4 e Ef 1,10

Em Gl 4,4 a plenitude do tempo tem conotação escatológica, porém já cumprida em ocasião muito bem definida, isto é, com o envio do Filho de Deus, nascido de mulher e sob a lei. Esse envio do Filho, na plenitude do tempo, apresenta também a finalidade de nos fazer receber a adoção filial. Já em Ef 1,10, a plenitude dos tempos também apresenta-se como acontecimento escatológico. Mesmo que com conotação, talvez atemporal, trata-se, na verdade, de realidade definida e querida da parte de Deus.

Da mesma forma que a expressão de Gl 4,4, Ef 1,10 vem sendo compreendida como um acontecimento escatológico já também realizado, como

³⁷ Assim, por exemplo, BEST, E., A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians, p. 139. Embora a carta não fale com clareza sobre a situação dos não batizados, a expressão τὰ πάντα ἐν τῷ Χριστῷ poderia indicar essa possibilidade.

parece decorrer de todo o contexto da carta. Quer dizer, tudo está sob o domínio de Deus e igualmente recapitulado pelo Filho.

Com maior evidência ainda do que Gl, a expressão de Ef explicita, não deixando dúvidas, a ação soberana de Deus que estabelece a ‘realização’ da plenitude dos tempos. Já Gl denota também a decisão de Deus em estabelecer o tempo ideal, na sua plenitude, para enviar o seu Filho. Os fundamentos do uso das duas expressões podem ser também buscados na tradição bíblica e judaica.

Diferentemente de Gl, a plenitude dos tempos em Ef não apresenta a υἱοθεσία como sua finalidade. Caberá, então, saber se há uma relação entre υἱοθεσία e πλήρωμα τῶν καιρῶν. Se a relação existe, onde se encontra?

Algo que também interessa ser melhor investigado é a estranheza causada em muitos pesquisadores por causa do linguajar de Ef, muito diferente daquele usado em Gl³⁸. Trata-se do linguajar pré-temporal (por exemplo: fomos escolhidos antes da fundação do mundo e predestinados à filiação adotiva) e atemporal ou acrônico³⁹ (por exemplo: a realização da plenitude dos tempos). Assim, alguns se referem à concepção do homem celeste e primordial defendida pela gnose; outros já acham, com razão, que essa linguagem – pré-temporal/atemporal – não é desconhecida pela teologia de Paulo retratada em suas grandes cartas. E que, por isso, a concepção da realização da plenitude dos tempos não tem nada a ver com a realidade decaída do nosso mundo e sim com a situação de desconforto entre judeus e gentios. No entanto, a questão permanece sem resolução até o momento: por que esta carta acentua tanto esse aspecto pré-temporal ou atemporal?

Uma questão que pode ser interessante é a seguinte: enquanto Gl contempla muito seguramente a situação dos cristãos que, na plenitude do tempo, recebem a adoção filial, já Ef pode dar a entender que com a realização da plenitude dos tempos todos são recapitulados (ἀνακεφαλαιώσασθαι τὰ πάντα ἐν τῷ Χριστῷ), isto é, também os não crentes. No entanto, trata-se de algo que deve ser também considerado no capítulo IV desta pesquisa.

³⁸ Já tivemos ocasião de nos referir ao linguajar de Gl 4,1-7 que se apresenta dentro de um discurso alegórico-argumentativo.

³⁹ Cf. HOUAISS, A. – VILLAR, M.S., “anacrônico”, in Dicionário da Língua Portuguesa. Trata-se, segundo esse dicionário, de adjetivo quer dizer: “que se abstrai do tempo ou o que acontece fora do tempo determinado”.

2. Adoção Filial (υιοθεσία)

2.1. Adoção filial em Gl 4,5

Em Gl 4,5 o passo onde se encontra o termo υιοθεσία está, como já foi evidenciado antes, em consonância com a expressão plenitude do tempo, dentro da unidade literária Gl 4,1-7. É bem perceptível que se trata de uma das finalidades do envio do Filho de Deus na plenitude do tempo. Em Gl 4,4-5, duas são as finalidades do envio do Filho. A primeira, diz o texto no v. 5a: a fim de resgatar os que estavam sob a lei; a segunda, que nos interessa, no caso, encontra-se em v. 5b: a fim de recebermos a adoção filial (υιοθεσία). Do ponto de vista cronológico, é a primeira vez que esta expressão comparece no corpus paulinum. Isto porque, Rm e Ef, onde o termo υιοθεσία também se apresenta, são escritos posteriores a Gl⁴⁰. Este fato pode ajudar a esclarecer a utilização do mesmo termo, cinco vezes no corpus paulinum, com nuances diferentes⁴¹.

2.1.1. Uso e sentido do termo υιοθεσία

Conforme já tivemos ocasião de afirmar anteriormente, a primeira vez que o termo υιοθεσία, típico do corpus paulinum, é empregado nas Sagradas Escrituras, aparece exatamente em Gl 4,5b. Há pareceres diferenciados sobre o porquê de Paulo ter utilizado exatamente este termo retirado do mundo greco-romano⁴². Sobre o seu significado, é já consenso de que o termo significa adoção

⁴⁰ A análise atenta entre as cartas de Gl e Rm dá a perceber a afinidade (fundo e forma) entre si. Por causa dessa afinidade, muito provavelmente, devem ter sido escritas num espaço de tempo curto entre si. Isso, sobretudo, se se leva em conta que a carta aos Gálatas deve ter sido destinada aos habitantes do norte da Galácia. Nesse sentido, cf. CARREZ, M. – DORNIER, P., L'Épître aux Galates. In : Les Lettres de Paul, de Jacques, Pierre et Jude, p. 112.

⁴¹ Apenas em Gl 4,5 o termo é expresso dentro do sentido alegórico para mostrar a nossa adoção por Deus Pai através do envio do seu Filho. O termo, já brevemente considerado, é extraído do contexto jurídico greco-romano. Porém, não tem sentido da jurisprudência greco-romana, pois o pano de fundo é bíblico-teológico. Tanto isso é verdade que Rm 9,4 aplica o termo diretamente ao povo de Israel, como atributo que lhe é próprio enquanto povo de Deus. Também nas outras três vezes em que a expressão é utilizada, sua conotação é eminentemente teológica sem referência alguma ao aspecto jurídico enquanto tal, como faz Gl 4,1-7.

⁴² SCOTT, J.M., Adoption as Sons of God, p. 148. Scott, em seu estudo estabelece que tal termo denota no período greco-romano adoção filial. Cf. ainda, Ibid., p. 267, onde este autor chega à conclusão de que Gl 4,5b refere-se a um específico background do AT e judaico, ainda que o termo não seja encontrado na LXX. É útil também ressaltar que, mesmo que o background possa

filial e não apenas filiação, como admitiam alguns. Nesse sentido, a atenção à própria etimologia⁴³ e ao estudo do significado do termo extraído do mundo greco-romano nos dão a entender o seu alcance.

Normalmente, os estudos apontam para a seguinte conclusão: o termo é do universo jurídico greco-romano, mas o pano de fundo não é jurídico e sim bíblico-teológico e as suas várias conotações dependem do contexto⁴⁴ em que a expressão se encontra.

Dentro do contexto de Gl 4,1-7, υἱοθεσία – termo do mundo jurídico – não é utilizado inutilmente. As pessoas a quem Paulo se dirige conhecem o termo⁴⁵. Do contrário, ele não o utilizaria. W.M. Calder⁴⁶ ainda se refere ao fato de que Paulo como judeu, nascido em Tarso e também cidadão romano era, sem dúvida, familiarizado com os três sistemas legais e conhecia exatamente o que estava

encontrar respaldo no AT, não existe também no TM termo equivalente. Cf. MATERA, F.J., Galatians, p. 151, onde cita as conclusões de MOORE-CRISPIN, D.R., Galatians 4:1-9. EQ 60 (1989), p. 216, sobre o processo de adoção: a) o filho adotado torna-se verdadeiro filho do seu pai que o adota; b) o pai concorda em prover as necessidades de alimentação e vestuário do adotado; c) o filho adotado não pode ser repudiado; d) o filho adotado não pode ser reduzido à escravidão; e) os pais naturais não podem reaver o filho que foi adotado; f) a adoção implica os direitos de herança.

⁴³ Cf. BUSCEMI, A.M., Libertà e huiotesia, p. 132, que mostra o significado etimológico advindo da seguinte composição: υἱὸν θέσθαι τίνα com o significado: constituir alguém como filho, no caso, adoção filial. Este mesmo sentido é confirmado por: LIDDELL-SCOTT⁸, “adoption as a son”, in Greek-English Lexicon, p. 1599; BAILLY²⁶, “adoption de qqn comme fils”, in Dictionnaire Grec-français; SCHWEIZER, E., “υἱοθεσία”, in ThWNT, VIII, p. 401, onde apresenta o significado da expressão no judaísmo e no NT, concluindo que se trata de uma de termo jamais utilizado na LXX, utilizada porém por Filo para falar do relacionamento entre o sábio Deus; segundo a nota 12, baseado em Strack-Billerbeck, afirma que a adoção é também incomum no rabinismo.

⁴⁴ Cf. LONGENECKER, R.N., Galatians, p. 172. Aqui o autor se refere ao termo utilizado em Ef 1,5, onde a conotação é a adoção por predestinação. No entanto, se nos referirmos ao termo em Rm 9,4, constataremos que se trata da pertença do povo de Israel a Deus por adoção.

⁴⁵ Cf. CALDER, W.M., Adoption and Inheritance in Galatia, p. 372. W.M. Calder pressupõe que a carta aos Gálatas teria sido escrita aos membros das igrejas do sul da Galácia, não aos membros célticos, mas aos habitantes judeus e pagãos da Frigia e Licaônia já grecizados em todas as cidades e colonos romanos em Antioquia e Listra. Observa ainda que o único sistema com o qual a grande maioria dos habitantes do sul da Galácia tinha familiaridade no tempo de S. Paulo era a lei greco-selêucida, modificada em uma ou outra particularidade a fim de atender os costumes locais. Refere-se também, p. 103, dizendo que descobertas subsequêntes mostraram que, conforme acentuava Ramsay, que o sul da Galácia seguia a lei grega e não romana, exemplificada no casamento entre filho adotivo e a filha natural do seu pai adotivo. Sobre a questão jurídica, cf. também BUSCEMI, A.M., op.cit., p. 132 e LYALL, F., Roman Law in the Writings of Paul-Adoption, p. 458-466. Ainda a respeito da localização da carta (sul da Galácia), é essa uma questão por demais controvertida. De acordo com alguns, isto viria fazer aumentar a diferença entre a redação da carta aos Romanos e aos Gálatas em cerca de dez anos; e, a diferença de redação entre elas não pode ser tão distante assim se se leva em consideração a afinidade entre as duas obras.

⁴⁶ CALDER, W.M., Adoption and Inheritance in Galatia, p. 373.

fazendo quando adotou a roupagem da legal fraseologia, obviamente conhecida pelos destinatários.

Assim, é do consenso geral de que Gl 4,5b utiliza um termo do linguajar jurídico do mundo greco-romano⁴⁷, mas o seu conteúdo é teológico e se encontra nos escritos quer neotestamentários quanto veterotestamentários. Assim, por exemplo, Scott argumenta que υἱοθεσία⁴⁸ de Gl 4,5 é baseada em 2Sm 7,14, examinando também a única citação de 2Sm 7,14 no corpus paulinum (2Cor 6,18), no contexto de 2Cor 6,14-7,1.

Alguns, na tentativa de explicar o motivo do uso do termo em Gl 4,5, o fazem através da organização quiástica⁴⁹, onde o v. 5a.b se liga ao v. 4c.d, da seguinte maneira:

- A γενόμενον ἐκ γυναικός (v. 4c)
- B γενόμενον ὑπὸ νόμον (v. 4d)
- B' ἵνα τοὺς ὑπὸ νόμον ἐξαγοράσεν (v. 5a)
- A' ἵνα τὴν υἱοθεσίαν ἀπολάβωμεν (v. 5b)

Interessante é a observação de A. Pitta⁵⁰, que oportunamente constata que no centro (b. b') estão as referências à condição de sujeição em relação à Lei, seja

⁴⁷ Cf. MARTITZ, W., “υἱοθεσία” in ThWNT, VIII, p. 401. Mostra esse autor que não existe nenhum exemplo de adoção no sentido religioso. Assim diz: “Auch wo der Herrscherkult in die griech Welt eindrang, wird die Vergöttlichung des Herrschers eher im Sinn der Abstammung als in dem der Adoption verstanden”. Torna-se, diz ele, digno de nota o uso de adoção num mito em Diod. S., 4,39,2⁹, quando antes da deificação de Heracles, Zeus persuadiu sua esposa Hera de adotá-lo (υἱοποιήσασθαι); ela, então, imitando o processo de nascimento natural, tomou-o junto a seu corpo e, furtivamente, desceu-o até o chão sob suas vestes.

⁴⁸ Cf. SWEETLAND, D.M., Rec. sobre o trabalho de J.M. SCOTT. In CBQ 56 (1994) 148-150, onde, com razão, se refere ao contexto controvertido de 2Cor 6,14-7,1; muitos comentadores, na verdade, admitem que se trata de um escrito de autenticidade paulina duvidosa. O próprio Scott reconhece que o texto é discutido e controvertido para muitos estudiosos, mas prefere manter a sua opinião achando que se trata de um texto paulino autêntico. Independentemente desta questão que abrange a crítica textual, sou da opinião de que o texto 2Sm 7,14 não é o mais representativo para refletir a questão da adoção do povo de Israel, mesmo que 2Cor 6,18 tenha feito redação modificada; isto é, a sentença de 2Sm 7,14 ‘eu serei para ele um pai’ é mudada em 2Cor 6,18 para a seguinte frase: ‘eu serei para vós um pai’. Sem dúvida, que Ex 4,22-23 é também, nesse sentido, representativo, além de Is 43,6, citado ainda em 2Cor 6,18. Há, nesse aspecto, muitos outros textos veterotestamentários, também bastante incisivos. Daí, sendo Paulo um bom conhecedor das Escrituras, deveria ter bem em mente várias passagens do AT que se referem ao relacionamento de Deus com Israel como pai e filhos. Nesse caso, esse conhecimento de Paulo seria muito mais viável para explicar Rm 9,4 (υἱοθεσία de Israel) do que Gl 4,5, onde a υἱοθεσία abrange judeus e gregos.

⁴⁹ Cf. ELLICOTT, C.J., A Critical and Exegetical Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians, p. 94; PITTA, A., Lettera ai Galati, p. 237; CORSANI, B., Lettera ai Galati, p. 263, entre outros.

⁵⁰ PITTA, A., Lettera ai Galati, p. 237.

para Cristo como para os homens; e nas partes limítrofes situa-se a o intercâmbio entre a filiação humana de Cristo e a divina do homem. Essa observação nos ajuda a compreender o importante papel da encarnação a partir do envio do Filho no contexto 4,1-7.

No entanto, para avançarmos em direção à tentativa de perceber o porquê da utilização do termo, torna-se necessário entender o contexto mais amplo da perícopes 4,1-7, mas sobretudo 4,1-5, que é a parte que nos interessa mais imediatamente. Ainda que haja quem defenda a estrutura quiástica de toda a perícopes, não vamos nela nos deter por uma simples questão: não se trata, na verdade, de algo aceito unanimemente⁵¹.

O assunto de 4,1-7 é a retomada de 3,26-29, que introduziu meio de chofre os conceitos de filiação e herança, não através da lei, mas da fé; de tal modo que os pertencentes a Cristo são, portanto, da descendência de Abraão. Assim, 3,26-29 fornece a base para o que logo se seguirá em 4,1-7. No passo de 3,26-29, vemos a contraposição que faz Paulo, ainda que não sistematicamente, entre a lei mosaica e Abraão, a quem, muito antes de Moisés, foi feita a promessa de que seria pai de muitos povos⁵². E ele creu. E nós, pela fé, nos ligamos à descendência abraâmica e não mosaica, segundo o modo de argumentação de Paulo.

Tendo apresentado o pano de fundo para a introdução do que se apresenta em 4,1-7, vamos examinar mais de perto o assunto da *υιοθεσία*, que, estando no plano da aplicação, se liga à comparação dos vv. 1-2. Postulam alguns, como já acenamos acima, a direta ligação do v. 5b ao que vem apresentado nos vv. 1-2. Como se trata de questões também jurídicas, a menoridade e a adoção filial são colocadas lado a lado, como se a maioridade fosse resultar, sem mais, na adoção filial. Os dois primeiros versículos se referem, segundo consenso geral dos comentadores, à prática da lei romana chamada *tutela impuberis* ou

⁵¹ Entre aqueles que admitem a estrutura quiástica, podemos citar: HERMAN, Z.I., *La presenza e l'esperienza dello Spirito nella lettera ai Galati*, p. 23; BUSCEMI, A.M., *Libertà e huiiothesía*, p. 95; SAMPAIO, B.A.C., *O homem filho e herdeiro de Deus – Um estudo sobre Gl 3-4*, p. 88. De outra parte, ALETTI, J.-N., *Une Lecture de Ga 4,4-6: Marie et la plénitude du temps*, p. 414, diz que sobre a unidade literária de Gl 4,1-7, todos os comentadores são de acordo, ainda que eles não sejam de acordo com a sua função; de outra parte, PITTA, A., *Lettera ai Galati*, p. 233, afirma: “In Gal 4,1-7 non si riscontra una composizione chistica del tipo ‘a.b.c.d. d1.c1.b1.al’, nella quale il centro sarebbe occupato dal v. 4”. PITTA, A., *op.cit.*, p. 233 e ALETTI, J.-N., *op.cit.*, p. 414, propõem a subdivisão: vv. 1-2 (exemplo jurídico ou uma comparação) e vv. 3-7 (sua aplicação).

⁵² Cf. Gn 17,4-6.

especificamente *tutela testamentaria*⁵³. Isto porque a adoção supõe, conforme a lei em vigor, que o filho adotado seja filho natural de outra pessoa⁵⁴, ao passo que a passagem da menoridade para a maioridade não inclui absolutamente a adoção; antes, trata-se do cuidado exercitado pelo pai em relação ao filho menor de idade. O que marca essa passagem, conforme o v. 2, é o prazo concedido pelo pai, segundo a expressão ἄχρι τῆς προθεσμίας τοῦ πατρός⁵⁵. Por mais que Paulo constate a semelhança entre a menoridade e a escravidão, ele mesmo diz que não se trata da mesma coisa, pois afirma que o herdeiro enquanto menor de idade é senhor de todos os bens, embora em nada seja diferente de um escravo. Decorrente dessa sua argumentação, ele conclui no v. 3: “assim também nós, quando éramos infantes, estávamos escravizados pelos elementos do mundo”. Isto quer dizer que a conclusão ou constatação do v. 3 dá a entender que éramos infantes, porém, com um agravante; isto é, escravizados pelos elementos do mundo (ὑπὸ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου)⁵⁶. No entanto, a escravidão pode requerer, dentre outras, também as seguintes soluções: de um lado, o resgate⁵⁷, que pela sua mesma natureza não implica de modo algum a adoção; de outro, a adoção filial, o

⁵³ BELLEVILLE, L.L., “Under Law”: Structural analysis and the Pauline concept of Law in Galatians 3:21-4:11, p. 61. A autora, baseando-se também em conclusões de Raphael Taubenschlag, ‘The Law in the Light of the Papyri 332 BC-640 AD’ (Warschau: Panstwowe Wydawnictwo Naukowe, 1955), p. 158-181, expõe o que seja a idéia da lei da menoridade: “Paul attempts to illustrate this relationship by referring to the practice in Roman law called *tutela impuberis* (guardian for a minor) or more specifically *tutela testamentaria* (guardian established by testament)”. Diante disso soa estranha a afirmação de CERFAUX, L., *Le fils né de la femme. Bible et Vie Chrétienne* 4 (1953) 61, onde diz que a comparação de Gl 4,1-2 é do direito helenístico que encarrega o pai de família de determinar a época, exceto a emancipação dos filhos menores; isso é estranho porque, uma vez determinada a época da emancipação, a mesma deve necessariamente acontecer; se não fosse assim, por que, então, determinar o prazo?

⁵⁴ Cf. nota 42 onde D.R. Moore-Crispin mostra suas conclusões a respeito do modo como se processava a adoção.

⁵⁵ BRUCE, F.F., *The Epistle to the Galatians*, p. 192-193. Abordando a questão da προθεσμία τοῦ πατρός, Bruce assinala, baseado em contribuições de outros pesquisadores, que segundo a lei romana o filho atingia a maioridade aos catorze anos; no entanto, o pai podia possuir certas prerrogativas para que o tempo da maioridade fosse por ele fixado fora do tempo estabelecido de 14 anos de idade do filho.

⁵⁶ A expressão στοιχεῖα τοῦ κόσμου merece atenção destacada por apresentar pareceres controvertidos. Alguns consideram que se trata de expressão que, no texto de Gl, se refere ao mundo pagão; outros são do parecer de que se refere ao mundo judaico; outros, finalmente, opinam que se liga ao mundo pagão e judaico, ao mesmo tempo. Embora os pareceres sejam controvertidos, parece ter razão BRUCE, F.F., op.cit., p. 193, tal expressão, também presente no v. 9, segundo o contexto de 4,1-7, se volta essencialmente para os que vieram do paganismo. Mas, de qualquer maneira, ao que tudo indica, não se trata de uma questão absolutamente resolvida. Essa questão será, obviamente, estudada no corpo desta pesquisa.

⁵⁷ Na verdade, isso seria compreensível se o texto se referisse somente ao conteúdo do v. 5a, ou seja, àqueles de etnia judaica, que estavam sob a Lei – no caso, sob regime de escravidão – e seriam resgatados; o verbo utilizado é ἐξαγοράζω que tem o sentido adquirir, comprar, arrematar o que está à venda na praça.

que quer dizer: aquele que atualmente é filho (adotado com plenos direitos, também os direitos de herança) e antes era escravo, somente agora se torna filho, pois lhe era estranho. Ora, isto vale dizer que o termo adoção⁵⁸ aqui aplicado é inexato, quer pela inadequada comparação alegórica, quanto pelo conhecimento da tradição bíblica e, muito mais ainda, pela fé que Paulo nutria na religião de seus antepassados. Em suma, como que Deus, Senhor de todo o mundo criado – incluíam-se aí as suas criaturas, dentre elas, os seres humanos criados à sua imagem e semelhança – teria que adotar esses mesmos seres como se já não fossem seus, ainda que escravizados (judeus e gentios)? O que se discute aqui não é somente a fé religiosa de Paulo, para quem essa situação poderia soar estranha, mas também o recurso alegórico utilizado de modo claudicante. Isso, naturalmente, se a compreensão de ἵνα τὴν υἰοθεσίαν ἀπολάβωμεν, referindo-se a judeus e não-judeus⁵⁹, se ligar, como parece, à conclusão ou constatação que Paulo faz no v. 3.

Por isso, mesmo que o termo teologicamente tenha um significado perceptível, ou seja, trata da divina filiação dos cristãos, não podemos deixar de questionar o seu uso por causa de sua constatável inadequação, onde o termo adoção, no estrito sentido, não caberia aqui. Talvez, não poderia estar aqui implicada uma nova visão de υἰοθεσία como aquela trazida em Ef 1,15, onde a

⁵⁸ Normalmente, os comentadores deparam com a situação, mas acabam encontrando meio acomodatório; terminam por dizer que o termo ressalta aquilo que é óbvio e que todos esperam, isto é, que indica a nossa divina filiação, através de Cristo, nosso irmão. Nesse sentido, cf. SCHOENBERG, M.W., *The Notion of UIOTHESIA in the Pauline Writings*, p. 102-103.

⁵⁹ Embora haja interpretações contrastantes em relação ao v. 5b, é suficientemente claro que Paulo aqui se refere a judeus e gentios. O uso do pronome – nesse caso, oculto – na primeira pessoa do plural indica a presença de judeus e gentios como destinatários da adoção; e a sua ligação com o v. 3 parece também muito plausível pelo fato de ali também Paulo utilizar o pronome na primeira pessoa do plural. Somente é estranho a conclusão alegórica não bater com a teológica, a saber: toda a humanidade antes do envio do Filho de Deus poderia até ser escrava, portanto, passível de resgate; mas, pertencendo a Deus, não poderia ser adotada. Ninguém adota o que já é seu. Já, quanto às interpretações contrastantes, limito-me a citar dois comentadores, embora a maioria dos comentários admitam que o v. 5b se refere a judeus e gentios. A favor do v. 5b se referir a judeus e não judeus, cf. PITTA, A., *Lettera ai Galati*, p. 239-240: “L’ultimo stico del chiasmo esprime, con categorie positive, il valore del riscatto operato da Cristo: affinché ricevessimo la figliolanza. Con queste ultime battute si torna alla portata universale dell’azione salvifica: la figliolanza donata dal figlio di Dio, non vale soltanto per i giudei, ma anche per i gentili, senza distinzione storta”. A favor do v. 5b se referir somente a judeus, cf. WITHERINGTON III, B., *Grace in Galatia*, p. 289: “It’s important to bear in mind that the ‘we’ in ‘we receive’ must be taken in the same way it has been used since at least 2.11-14, namely it refers to ‘we’ Jews, or in this case ‘we Jewish Christians’. Paul does not begin to speak of the condition of his Gentile converts until v. 6”. Este modo de compreender é, no mínimo, estranho. É artificial a ligação com 2,11-14, sendo que temos na própria perícopa os elementos que permitem a compreensão do v. 5b envolvendo gentios e judeus. Seria muito estranho Paulo fazer uma separação tão radical entre judeus e gentios na obra da salvação operada por Cristo.

nossa adoção filial – de todos os cristãos⁶⁰ – acontece antes da encarnação sem necessidade de estabelecer comparação alegórica para se fazer entender?

2.1.2. Síntese

Em primeiro lugar, independentemente do seu uso em Gl 4,5, sob o ponto de vista filológico e da jurisprudência greco-romana, o termo υἱοθεσία significa adoção filial. Expressão da realidade jurídica greco-romana, fora utilizada por Paulo no contexto da “plenitude do tempo”, quando Deus enviou o seu Filho ao mundo, vindo Ele então tomar parte da nossa história. Portanto, o evento Cristo, nessa perícopes, chamado expressamente Filho de Deus através da expressão τὸν υἱὸν αὐτοῦ associa a nossa adoção ao Filho de Deus por excelência, o qual não é adotado, mas que vem a nós de junto de Deus. Não se discute aqui se Paulo está afirmando a preexistência do Filho. No entanto, o verbo utilizado ἐξαποστέλλω dá a entender que sim, mesmo se a finalidade de Paulo não tenha sido expressamente essa⁶¹.

A perícopes 4,1-7, da qual a expressão υἱοθεσία faz parte, segue o modelo alegórico argumentativo através de metáforas onde Paulo quer demonstrar a verdade que está comunicando. É também consenso, salvo algumas opiniões contrárias, de que o termo aqui é aplicado a judeus e gentios igualmente

⁶⁰ A υἱοθεσία apresentada em 4,5b é aplicada aqui a todos os cristãos, quer sejam os provenientes do judaísmo, quer os do paganismo. Mesmo que o v. 5a se dirija somente aos provenientes do judaísmo, o v. 5b se refere a todos – judeus e gentios. A mudança de pronome é um forte indicativo; Paulo que, no v. 5a utiliza o verbo ἐξαγοράζω que requer objeto direto referindo-se à terceira pessoa masculina plural, agora no v. 5b passa a utilizar o pronome pessoal na primeira pessoa do plural – ἡμεῖς; o que quer dizer que Paulo, de descendência judaica, incluindo-se aí, inclui também judeus e não-judeus; isso não acontece por acaso, pois a υἱοθεσία de Israel (Rm 9,4) ficou para trás, sendo superada pela υἱοθεσία de todos os cristãos (cf. 3,26-29). E isso é feito através do envio do Filho de Deus, Jesus Cristo, em quem a nossa fé é alicerçada.

⁶¹ Em geral, os comentadores, em grande parte, são de opinião de que a perícopes não tem como intenção falar da preexistência do Filho; no entanto, é do consenso de alguns outros comentadores que o uso do pronome αὐτοῦ que acompanha o substantivo υἱός já dá a entender o sentido de preexistência do Filho; além do mais, a utilização do verbo ἐξαποστέλλω vem corroborar essa idéia. A passagem encontrada em Rm 8,3 (ὁ θεὸς τὸν ἑαυτοῦ υἱὸν πέμψας) pela própria força da expressão do pronome utilizado, segundo muitos, já dá a entender a preexistência do Filho de Deus, independentemente do verbo – πέμπω – aqui utilizado. Em minha opinião, mesmo que a expressão do v. 4 não tenha sido utilizada com essa finalidade explícita, ela denota a idéia de preexistência. O motivo de se ressaltar esse problema aqui liga-se à análise que será feita de Ef 1,3-14, onde o autor explicita a preexistência do Filho, no qual participamos por adoção também da filiação divina.

convertidos ao cristianismo. Se o termo em si, naquele contexto, tem aplicação também aos não cristãos, não o sabemos claramente. O que se sabe é que se aplica, como dito acima, aos neo-cristãos seja qual for a sua etnia, isto é, judaica ou não judaica.

Embora não haja da parte de comentadores significativas⁶² observações a serem feitas, no que diz respeito a dificuldades para a compreensão da υἱοθεσία, do ponto de vista da comparação alegórica ou da própria concepção teológica, permanecem as questões a serem afrontadas: o que estará por detrás da inadequada comparação alegórica? Por que somente aqui o uso da υἱοθεσία apresenta também uma possível dificuldade teológica? Ou seja: levando também em consideração Rm 9,4, onde se diz que a υἱοθεσία pertence ao povo de Israel, porque então somente com o envio do Filho de Deus passamos a ser filhos – judeus e gentios – adotados por Deus?

2.2. Adoção filial em Ef 1,5

Encontra-se na unidade literária Ef 1,3-14. Tal unidade literária é um hino no qual as bênçãos⁶³ de Deus são estendidas, através de Cristo, a todos – provenientes do judaísmo e do paganismo. A υἱοθεσία em Ef 1,5 está intimamente ligada ao fato de Deus ter-nos escolhido, ainda antes da fundação do mundo (πρὸ καταβολῆς κόσμου)⁶⁴. Assim, escolhidos por Deus, antes do momento da encarnação e da plenitude do tempo (Gl 4,4), fomos desde então predestinados a ser seus filhos adotivos. A nossa escolha e predestinação à adoção filial se dão por decisão de Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. O que quer dizer que nós não

⁶² Essa situação decorre da unanimidade com que comentadores, mesmo percebendo a incongruência, sobretudo da aplicação alegórica em que aquele que já é filho venha a ser adotado, preferem dizer o que todos já imaginam, isto é, que υἱοθεσία em 4,5 significa a nossa divina filiação por adoção em Cristo.

⁶³ Cf. BJ¹⁹⁵⁶. Em notas sobre a organização do hino, onde o autor – P. Benoît – apresenta-o articulado em seis bênçãos, a saber: a nossa escolha antes da fundação do mundo, a nossa adoção filial, a redenção pelo sangue, a revelação do “mistério”, a eleição de Israel como “herança” de Deus e sua testemunha na expectativa messiânica, o chamado dos pagãos a participarem da salvação antes reservada a Israel.

⁶⁴ Cf. BEST, E., A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians, p. 120. Pesquisando o sentido da palavra καταβολή, mostra que ela era usada regularmente, no grego, para significar início ou fundação. Lembra que há dois modos de uso de καταβολή κόσμου: πρὸ καταβολῆς e ἀπὸ καταβολῆς, com significado de antes da criação e desde a criação.

preexistimos. Ao passo que Cristo em quem somos abençoados, ele sim, não é adotado e já existia junto de Deus Pai antes da nossa escolha e adoção.

2.2.1 Uso e sentido do termo υιοθεσία

Das cinco vezes em que υιοθεσία⁶⁵ se apresenta no corpus paulinum, esta é, cronologicamente, a última vez que o termo vem utilizado, já que Rm e Gl são escritos mais antigos que Ef. Já à primeira vista damos-nos conta de que os modos como se dão a adoção em Gl 4,5 e em Ef 1,5 são muito diferentes. Inicialmente, percebe-se que o v. 4 – que trata da nossa eleição – está intimamente ligado ao assunto da nossa adoção filial. Assim, a expressão καθὼς ἐξελέξατο ἡμᾶς ἐν αὐτῷ πρὸ καταβολῆς κόσμου serve de suporte para fazer compreender a dimensão atemporal da nossa adoção⁶⁶. Não se liga necessariamente à concepção teológica da nossa redenção realizada por Cristo, embora o próprio hino não desconheça esta realidade⁶⁷.

Perguntando-nos sobre o sentido do uso de υιοθεσία nesse horizonte totalmente novo, por enquanto o que se pode concluir, com plausível certeza, é que se tratava de um conceito conhecido pelos leitores⁶⁸. Porém, a conotação dada

⁶⁵ Consideramos ter sido suficientemente tratada a questão do significado desse termo retirado do ambiente jurídico greco-romano. Nesse sentido, o que foi falado a respeito de υιοθεσία em Gl 4,5 tem valor para o termo em si também encontrado em Ef 1,5.

⁶⁶ SCHLIER, H., *Der Brief an die Epheser*, p. 52, que mostra a grande sintonia entre o verbo escolher e predestinar nessa passagem: “Statt ἐκλέγεσθαι heißt es nun προορίζειν. Gemeint ist natürlich ein ὀρίζειν πρὸ καταβολῆς κόσμου, so wie Röm 8,29f; 1 Kor 2,7”.

⁶⁷ O contexto 1,7-10 é claro nesse sentido. Assim, o hino sem desconhecer e, muito menos ainda, negar a nossa redenção realizada por meio de Cristo (ἐν ᾧ ἔχομεν τὴν ἀπολύτρωσιν διὰ τοῦ αἵματος αὐτοῦ) (v. 7), a nossa escolha antes da criação do mundo e adoção filial acontecem, igualmente, por Cristo mesmo, mas antes da encarnação.

⁶⁸ Cf. BEST, E., *A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians*, p. 125. Ver ainda, *Ibid.*, 124, onde E. Best afirma que a adoção é antes de tudo um termo em que o sentido é, mais do que religioso, legal; e que o autor provavelmente o retirou da lei romana e não da lei judaica ou do Oriente Próximo. No entanto, além do que diz E. Best, não é supérfluo lembrar que o próprio AT, mesmo não possuindo um equivalente do termo grego υιοθεσία, fornece o substrato da nossa adoção por Deus (cf., dentre as várias citações, apenas: Ex 4,22-23; 2Sm 7,14; Sl 89,27-28; Jr 31,9.20; Os 11,1-4). Dentro da mentalidade da teologia do AT soaria muito estranho conceber o ser humano como alguém sem ligação com o criador, uma vez que fomos, segundo relato do livro do Gênesis, criados à imagem e semelhança de Deus. Mesmo que não seja incomum admitir a adoção de Israel (cf. Rm 9,4), não é claro, porém, qual o verdadeiro momento de nossa adoção filial. Alguns poderiam até querer sustentar que esse momento seria o mesmo da nossa criação, no sexto dia. Embora isso seja difícil de ser provado, não deixa de ser surpreendente que Ef 1,4-5 fá-la acontecer já antes desse momento.

à *ὑποθεσία* aqui é completamente nova⁶⁹, já que nos outros passos onde vem citada nada diz a respeito da dimensão pré-temporal (escolha e predeterminação) em que ela é prevista para acontecer na vida dos que crêem⁷⁰.

Alguns poderiam deduzir que o fato de Ef 1,4-5 definir a nossa *ὑποθεσία* em dimensão pré-temporal acontece em decorrência da influência da gnose⁷¹. Embora haja posições diferentes que neguem a influência da gnose, não deixa de ser interrogante e curioso o modo de Ef assim se expressar e de modo insistente. É claro que as idéias de preexistência, predestinação, escolha atemporal são raras no NT, mas não desconhecidas⁷²; inclusive, na literatura paulina encontramos-las presentes. Esse fato por si já é suficiente para demonstrar que tais idéias acentuadas em Ef não são estranhas ao horizonte dos escritos do NT. No entanto, se a influência da gnose não está presente em Ef, pode também não ser de todo suficiente, como compreende E. Best, julgar que este seu linguajar peculiar estaria refletindo uma situação de divisão interna vivida pelos cristãos de origens diferentes, vale dizer, judeus e gentios. De fato, Ef retrata essa situação de divisão interna. Mas poderá haver uma explicação que permita compreender não somente a questão da divisão interna entre cristãos, mas também a forma de um linguajar que ressalta em muito as questões já apontadas acima, a saber: a nossa escolha e predestinação à filiação adotiva antes da fundação do mundo. Por que uma linguagem tão acentuadamente marcada pela dimensão pré-temporal ou atemporal que necessita por demais ressaltar os desígnios misteriosos de Deus, de sua vontade, de acontecimentos que mesmo que já tenham ocorrido – como, por exemplo, a realização da plenitude dos tempos – deixa os comentadores ainda

⁶⁹ Cf. SCHNACKENBURG, R., *Der Brief an die Epheser*, p. 52. Mesmo que R. SCHNACKENBURG assevere que Paulo tenha desenvolvido mais claramente o conceito de *ὑποθεσία* em Gl 4, 4-6, não podemos também deixar de admitir que a concepção desenvolvida em Ef traz a sua importante contribuição. Por exemplo: como em Rm 8, 15.23 e 9,4, admite já ser essa uma expressão de conteúdo exclusivamente teológico, fundamentando a nossa escolha e adoção já antes de o mundo ser criado, porém em Cristo e através de Cristo.

⁷⁰ Cf. BEST, E., *A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians*, p. 119: “AE displays no interest in those who are not chosen, though as the remainder of the letter shows he is clearly aware that there is a difference between those in and those not in the church. A eulogy of praise and context of love is not the place in which to refer to the damnation of unbelievers”. No entanto, ainda diz que dependendo de como é entendido 1,10 pode ser que Ef não acredite que haverá alguém que venha a ser rejeitado, pois todos seriam conduzidos juntos com Cristo.

⁷¹ Cf. notas 27 e 28 em que H. CONZELMANN e E. BEST apontam soluções contrastantes a respeito do linguajar de Ef. H. CONZELMANN admite a influência gnóstica, enquanto E. BEST chega à conclusão de que a linguagem de Ef refere-se não tanto à questão de um mundo decaído, mas de cristãos de origem judaica e pagã que estavam vivendo divisão interna.

⁷² Cf. Rm 8,28-29; 11,33-39; 16, 25-26; 1Cor 2,7; podemos também citar Jo 17,24, porém os escritos joaninos têm datação bem posterior aos escritos de Paulo.

diante de interpretações controversas⁷³? Ainda: por que, mesmo que se afirme a dimensão temporal da nossa redenção no v. 7, somos predestinados à adoção antes da criação do mundo? Estaria aqui a reafirmação do sentido da criação do mundo onde deveria já preexistir aquele que é o homem perfeito, homem espiritual e vindo do céu, Cristo (cf. 1Cor 15,47-48). De fato, de acordo com 1Cor 15,45-49, com a criação, o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente (ψυχή); o primeiro homem não é o homem espiritual, mas o tirado da terra e o segundo é espiritual e vem do céu; e assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, também traremos a imagem do homem celeste⁷⁴. Pelo que se vê, o foco não é o envio e a encarnação do Filho no seio da humanidade, mas a preexistência do homem espiritual – Cristo – do qual tomamos parte através da adoção filial ainda antes da criação do mundo. Essa idéia é paulina, sem dúvida. Mas a insistência sobre a mesma é que chama a atenção⁷⁵.

2.2.2. Síntese

A υιοθεσία dos cristãos em Ef 1,5 tem caráter pré-temporal. Quer dizer, acontecida por decisão dos desígnios, porém antes da criação do mundo. Trata-se de adoção por predestinação⁷⁶ de Deus. Esta adoção está em conexão com a nossa escolha antes da criação do mundo (v. 4). Somos, então, escolhidos antes da criação do mundo para sermos santos e imaculados diante dele no amor⁷⁷ e

⁷³ Cf. nota 20.

⁷⁴ Cf. Também Rm 6,14 reflete essa concepção ao afirmar que Adão, homem imperfeito, é a figura daquele que devia vir.

⁷⁵ Torna-se, por causa da exigüidade de informações, um tanto precipitado decidir, sem mais, que se trata de uma reação a idéias veiculadas em ambiente gnóstico. É como se quisesse concluir que Paulo estaria eivado de idéias gnósticas por causa das afirmações bem compreensíveis em seu contexto, como por exemplo: 1Cor 15,47 (homem terrestre e homem celeste); Gl 6,8 (frutos da carne é a corrupção e do espírito é a vida eterna).

⁷⁶ A predestinação é um tema muito debatido entre algumas denominações protestantes, sobretudo em função da liberdade humana. De outro modo, cf. COMBLIN, J., Epístola aos Efésios, p. 29: “A predestinação fica mais determinada: o plano de Deus é chamar para a filiação; que os chamados sejam filhos em Cristo e por Cristo. O Filho é objeto do amor do Pai. Este mesmo amor vai fazer dos eleitos outros filhos do Pai”. Cf. ainda outras informações de BEST, E., A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians, p. 124: “Foreordination though not mentioned in the OT, is found in the Qumran writings (1 QH 4.3; 15.13-22) and in Paul at Rom 8.29f; 1Cor 2.7”.

⁷⁷ A expressão no amor (ἐν ἀγάπῃ) é muito disputada entre os estudiosos. Há fortes argumentos tanto para defender a sua permanência fechando o v. 4 como para abrir o v. 5. Cf. BEST, E., op.cit., p. 122, onde faz uma apresentação dos vários argumentos das duas tendências. Ele prefere

também predestinados para sermos seus filhos adotivos para o louvor e glória de sua graça. Ressalta-se ainda que essa escolha dá-se em Cristo, o Filho de Deus; o mesmo se diz da nossa adoção que também acontece através de Cristo, como graça concedida a nós no Amado. Convém notar que a escolha e adoção dão-se no contexto hínico de bênçãos. Também, conforme já está expresso no próprio hino, a υιοθεσία tem uma finalidade: para o louvor da glória da sua graça. Somos então filhos para louvar a sua glória e graça.

2.3. Adoção filial: cotejo entre Gl 4,5 e Ef 1,5

O cotejo entre a υιοθεσία em Gl 4,5 e Ef 1,5 nos mostra pontos comuns e diferentes. Em Gl 4,5 a υιοθεσία é apresentada no contexto alegórico-argumentativo e em forma de comparação. Trata-se, é verdade, de comparação em que o termo υιοθεσία é aplicado de modo não usual. Pois, se já são filhos, mesmo menores e escravizados, procedentes dos judeus e da gentilidade (v. 3), não podem ser adotados. A υιοθεσία é finalidade da encarnação, na plenitude do tempo, quando Deus envia o seu Filho. Judeus e gentios são contemplados com a adoção (vv. 3 e 5b, isso evidenciado pela presença do pronome pessoal na primeira pessoa do plural). Aqui não se enfatiza a preexistência do Filho, embora esta não seja descartada (presença do verbo ἐξαποστέλλω e do pronome no caso genitivo – αὐτοῦ – indicado posse). Em Ef 1,5 o contexto utilizado da υιοθεσία situa-se num hino de bênçãos, onde a mesma é já fruto da bênção. É fato que o contexto hínico, no v. 7, não desconhece a dimensão redentora de Cristo. No caso a adoção se refere a nós e não ao Filho de Deus; no contexto do hino, a preexistência do Filho é clara, em quem nós somos escolhidos e, através de quem, somos predestinados à adoção filial. Pelo que tudo indica, esta dirige-se aos crentes; mas a realização da plenitude do tempos engloba todos – normalmente, também os não crentes – que são recapitulados por Cristo.

Mesmo que o termo υιοθεσία não contenha conotação sócio-teológica, é utilizado de modo mais adequado, pois os destinatários da adoção nada eram antes de ser filhos. Desse modo, começar a existir é já ser adotado. Não foi necessário

optar pela inclusão da expressão ἐν ἀγάπῃ no v. 5, porque o v. 4 acentua o amor humano, enquanto, se vem inserido no v. 5 refere-se ao amor divino.

passar por filiação estranha para ser posteriormente adotados. Antes de existirmos já somos escolhidos e predestinados à adoção filial como frutos da bênção de Deus e Pai de Jesus Cristo.

3. Observações Conclusivas

Conforme as considerações decorrentes deste estudo, devem-se ressaltar os pontos que sobressaíram na questão da υἱοθεσία e πλήρωμα τοῦ χρόνου/ πλήρωμα τῶν καιρῶν em Gl e Ef. O primeiro ponto a destacar é a mediação literária através da qual Gl e Ef se movem na abordagem dessas duas expressões. Enquanto Gl se reveste da roupagem alegórico-argumentativa, Ef utiliza um hino de bênçãos. Os dois termos que acompanham πλήρωμα não são exatamente iguais e, além do mais, um (χρόνος) se encontra no singular e o outro (καιρός) na forma plural. As posições de estudiosos a respeito dos dois modos de se expressar (Gl e Ef) não apresentam unanimidade; há quem conclua que se trata de sinônimos, enquanto outros dizem que a forma de Ef possui traços de influência da apocalíptica judaica; e outros ainda que não enxergam traços apocalípticos no contexto de Ef. Destaca-se ainda o seguinte: tal expressão em Gl é temporal, Ef a apresenta também em âmbito temporal ou até mesmo atemporal. Aliás, o contexto de Gl 4,1-7 é bem delineado e menos complexo para o normal entendimento. O contexto de Ef 1,3-10 emprega uma linguagem que se move em dois níveis diferenciados, a saber: o pré-temporal/atemporal (1,4-6) e o temporal (1,7-10); isso, sem dúvida, vem dificultar melhor compreensão da nossa parte. Alguns estudiosos, inclusive, enxergam uma influência da gnose que veio a levar Ef a utilizar essa expressão diferenciada em relação a Gálatas. No entanto, não existe unanimidade a esse respeito.

O πλήρωμα τοῦ χρόνου (Gl 4,4) ligado diretamente ao envio do Filho (encarnação), tem a υἱοθεσία como uma de suas finalidades, sem dúvida, a principal; enquanto que o πλήρωμα τῶν καιρῶν em Ef 1,5, em si, é ele mesmo uma finalidade (εἰς οἰκονομίαν τοῦ πληρώματος τῶν καιρῶν) e diz respeito à recapitulação de tudo em Cristo. De sorte que, nas duas maneiras de apresentar-se, as expressões possuem equivalência escatológica já realizada. Esse “tempo” é

graça de Deus, estando sob seu total domínio e decisão, voltado para o benefício da humanidade. Portanto, a sua concessão não depende de nós, mas diretamente de Deus em sua benevolência.

Outro aspecto do πλήρωμα τοῦ χρόνου (Gl 4,4) é que o contexto, embora não falando explicitamente, dá a entender a preexistência do Filho por causa da expressão τὸν υἱὸν αὐτοῦ e do verbo ἐξαποστέλλω. Já em Ef a expressão correspondente não deixa entrever este aspecto e sim a dimensão escatológica realizada. Porém, a nossa predestinação à υἰοθεσία através de Cristo e decorrente da nossa escolha antes da criação do mundo em Cristo, dá claramente a entender a preexistência do Filho. Estabelece-se assim que a adoção filial (Gl e Ef) cabe a nós (adotados por Deus) e não ao Filho de Deus; no entanto, a nossa adoção está condicionada necessariamente à pessoa do Filho.

A υἰοθεσία em Gl como a principal finalidade do πλήρωμα τοῦ χρόνου abrange indistintamente cristãos provenientes do judaísmo e da gentilidade; já a υἰοθεσία em Ef não tem ligação, ao menos diretamente, com o πλήρωμα τῶν καιρῶν. No entanto, essa ligação pode existir desde que se considere que, nesse contexto, todos os cristãos, independentemente de sua origem étnica, são escolhidos e adotados antes da criação do mundo, e que na “plenitude dos tempos” tudo o que existe (portanto, também todas as pessoas) é recapitulado em Cristo.

Das cinco vezes em que o termo aparece no corpus paulinum, somente em Gl e Ef a υἰοθεσία adquire conotação com relevância cristológica; em Gl é uma decorrência da encarnação, diferentemente de Ef, onde prevalece a sua dimensão pré-temporal, fruto da bênção de Deus. Observe-se ainda que estamos diante de dois extremos do ponto de vista cronológico no uso da expressão em causa. Enquanto Gl a utiliza pela primeira vez, a sua utilização em Ef ocorre pela vez derradeira. Devido ao espaço de tempo entre uma carta e outra é de se supor que em Ef o termo já era bem mais familiar do que em Gl que a utilizou pela primeira vez. O fato de Gl ter se apropriado desta expressão em forma comparativa e pela primeira vez, talvez possa explicar a sua utilização de modo tortuoso e confuso. Ou seja: aquele que, sendo menor de idade e, portanto, comparado a um escravo, continua sendo filho e senhor de tudo; quer dizer: não deixa de ser filho e, por isso mesmo, não pode ser adotado pelo mesmo pai; no máximo, um filho que tivesse

se tornado escravo, poderia ser resgatado pelo próprio pai. Já o mesmo termo utilizado em Ef apresenta uma forma, apesar do linguajar pré-temporal, mais clara de ser compreendida. O linguajar pré-temporal da nossa escolha por Deus e a questão da nossa “predestinação” à adoção filial nos colocam diante do seguinte ponto: somente o Cristo é filho desde sempre, enquanto nós, mesmo tendo a nossa escolha e predestinação para ser filhos antes da criação do mundo, somos filhos por causa do unigênito Filho de Deus. Daí, o termo υἱοθεσία – filológica e juridicamente inadequados – pode ser uma forma encontrada em ambientes do NT, sobretudo paulinos, para tentar explicitar como se dá a nossa filiação divina. Sob esse ponto de vista, tal modo de se expressar não deixaria dúvidas sobre a nossa filiação divina. Uma outra questão é o problema da escolha de Deus sobre nós antes da criação do mundo e também a predestinação. Questões essas que deverão ser estudadas no curso desta pesquisa. Ainda: é possível ser adotados se os cristãos ainda não existiam? A tentativa de responder a esses questionamentos seria apelar para o aprofundamento e compreensão da linguagem pré-temporal e atemporal como forma da nossa existência na mente e nos desígnios do Eterno, o qual não está circunstanciado ao tempo e nem por ele determinado. No fundo é sempre desafiante tentar penetrar o sentido da vida humana, onde também a abordagem teológica, em contato com outras abordagens, encontra a sua dificuldade de se pronunciar sobre verdades procuradas, ainda que sentidas e vivenciadas.

Essas observações conclusivas servirão de referência no estabelecimento do tema que nos temos proposto, a saber: υἱοθεσία e πλήρωμα τοῦ χρόνου/πλήρωμα τῶν καιρῶν em Gl 4,1-7 e Ef 1,3-10. No entanto, o estudo exegético detalhado e comparativo das perícopes em causa poderá fornecer possíveis soluções para as questões elencadas acima e que necessitam ser elucidadas. Enfim, a compreensão de tais questões, de sua parte, evidenciará que os textos bíblicos, também os analisados nessa pesquisa, fazem parte de uma ampla rede de inter-relação com implicações dos mais variados matizes na busca de sentido teológico-existencial em situações e momentos históricos também variados.